

## O FRAGMENTO ENQUANTO MÉTODO DE APREENSÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

---

Diego Pontes (UFSC/UFPR)<sup>1</sup>

**Resumo:** A figura conceitual do *fragmento* apresentada como meio de apreensão das dinâmicas urbanas, que se destaca por seu caráter de renúncia a cronologias lineares e também por assumir a incompletude, a desorientação, e a fugacidade como características elementares para análise da cidade contemporânea, sob a ótica *residual* e em *passagens* de Walter Benjamin aponta para a recusa de formas totalizantes e universais, e abre espaço a uma forma de pensamento que sugere a criação e experimentação de novas lógicas, abordagens e instrumentos teóricos e metodológicos não mais calcados em repetições e reciclagens teóricas e conceituais de heranças modernas e positivistas.

**Palavras-chave:** Fragmento. Cidade. Método.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (concluídos respectivamente em 2014 e 2016). Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade - PGAU/UFSC (2016), e Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná PPGA/UFPR.

**Abstract:** The conceptual figure of the *fragment* presented as a means of apprehending urban dynamics, which stands out for its character of renunciation linear chronologies and also for assuming incompleteness, disorientation and fugacity as elementary characteristics for the analysis of the contemporary city, from a *residual* perspective and in *passages* by Walter Benjamin points to the rejection of totalizing and universal forms, and opens space for a reflection that suggests the creation and experimentation of new logics, approaches and theoretical and methodological instruments no more based on repetitions and theoretical and conceptual inheritance modern and positivist.

**Key-words:** Fragment. City. Method

## Introdução

*“O fumante de ópio ou de haxixe tem a experiência do olhar  
que é capaz de encontrar cem lugares diferentes num único”*  
Walter Benjamin

*“Eu sentia, ao caminhar, meus pensamentos se movimentarem como um caleidoscópio,  
a cada passo uma nova constelação: antigos elementos desaparecendo;  
outros surgindo;”*

Walter Benjamin

Traçando uma reflexão sobre alguns meios de apreensão da cidade contemporânea pela *etnografia de rua* (Eckert; Rocha, 2013), caminhadas, observações, derivas, acasos e *flanêur* que venho experimentando no decurso da pesquisa que estou envolvido no mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Paraná/UFPR, o que pretendo desdobrar nesta inflexão, que se destaca fundamentalmente a partir do pensamento residual e em passagens de Walter Benjamin (2013; 2006), se faz em imagens de pensamentos sobre seu método e suas formas de análise em suas dimensões empíricas, oníricas,

ébricas, e por meio da coleção de memórias captadas em um processo de escavações e recordações tomando seu próprio corpo como instrumento de experimentação.

Por este caminho, podemos inicialmente pensar que onde se diz fragmento, entende-se desordem, resíduos, ruínas, e a recusa a olhares totalizantes e universalizantes produzidos pela “História oficial”, ou nas palavras do próprio Benjamin (1984), “falam do fim da identidade do sujeito e da univocidade da palavra, indubitavelmente uma ameaça de destruição, mas também – e ao mesmo tempo – esperança e possibilidade de novas significações” (1984. p.18).

Assim, a partir dos questionamentos dos princípios racionalistas e estruturais que “sustentam” o urbanismo tradicional e os estudos urbanos enquanto campo de conhecimento, trago a figura conceitual do *fragmento* tratada por Paola Berenstein Jacques (2011) em *Estética da ginga*, que parte de um olhar voltado para além das formas sólidas e fixas arquitetônicas e urbanas e, sobretudo, atento e aberto aos processos e vivências que as (trans)formam.

Em sua análise sobre o método fragmentário de apreensão da cidade a partir da obra do artista Hélio Oiticica, especificamente acerca dos *Parangolés*<sup>2</sup>, onde segundo Jacques (2011) o olhar a respeito da maneira fragmentária como se constroem abrigos na favela, pontualmente os da Mangueira do Rio de Janeiro dos anos de 1960, evidencia que neste contexto de ocupação de terrenos e construção das favelas, nunca há um projeto preliminar formal para as construções, onde a coleta de materiais para sua execução também nunca cessa:

Os materiais recolhidos e reagrupados são o ponto de partida da construção, que vai depender diretamente do acaso dos achados, da descoberta de sobras interessantes. Os materiais são encontrados em fragmentos heterogêneos; a construção, feita com pedaços encontrados aqui e ali, é forçosamente fragmentada no

---

2 Como nos conta Jacques (2011), “na verdade, a palavra “Parangolé” não vem diretamente da favela, mas de uma construção efêmera que Oiticica viu algum tempo antes de conhecer a Mangueira.”. Os Parangolés seriam então a própria expressão estética do movimento do modo de construção das favelas retratados e experimentados em capas, tendas e estandartes que incorporam a experiência única de cada movimento à sua composição influenciada pelo samba, pela “coletividade anônima” e pela própria arquitetura da favela.

aspecto formal. À medida que o abrigo vai evoluindo, os pedaços menores vão sendo substituídos por outros maiores e o aspecto fragmentado da construção vai ficando cada vez menos evidente. O último estágio da evolução de abrigo precário – a casa em alvenaria, sólida – já não é formalmente tão fragmentado, muito embora não deixe de ser fragmentário: a casa continua evoluindo. Os barracos são fragmentários porque se transformam continuamente. (JACQUES, 2011, p.27-28)

Dessa maneira, a provocação direta à imagem e papel tradicional da arquitetura e do urbano ligada ao sólido e fixo se faz no choque pela desordem, pelos acasos, pelas dúvidas, incertezas, incompletudes, e por meio do “esquecimento do princípio de começo-meio-e-fim” assumido como característica elementar da forma de pensamento fragmentária. Para a autora:

É necessário renunciar à causalidade, à explicação por causas e efeitos, à cadeia do desenvolvimento conceitual e, sobretudo, a qualquer cronologia. Trata-se de se familiarizar com as misturas, com os esboços, com as superposições e as diversas formas resultantes de outra concepção temporal. O tempo fragmentário não é linear, poderia ser circular, ou melhor, em espiral, com diferentes níveis desenvolvendo-se mutuamente. Nele, o fim e o começo se misturam, se opõe e se juntam outra vez. (JACQUES, 2011, p.51)

Ao pensarmos a noção de tempo diferido e de pensamento *rizomático* apresentado por Jacques (2011), ou seja, da multiplicidade em renúncia a ordem estabelecida por uma pretensa linearidade temporal e pelo pensamento binário e enraizado, esta reflexão se distende, desse modo, em novas formas e possibilidades de pensar os fundamentos dos estudos urbanos, o que sugere a criação e experimentação de outras lógicas, abordagens e instrumentos teóricos e metodológicos não mais calcados em repetições e reciclagens conceituais de heranças modernas e positivistas.

### **Narrativas residuais em Walter Benjamin**

O registro em narrativas de caminhadas, deambulações e “viagens” por diferentes cidades e experiências por espaços de memória percorridos por

Walter Benjamin (2013; 2006), onde o perder-se pela cidade se traduz em uma coleção de fragmentos residuais recolhidos entre *ruínas, rastros, farrapos* e “outros estados de consciência”, abre caminho a uma análise e aprofundamento de uma reflexão sobre o pensamento fragmentário do autor, que fundamenta sua teoria e método por meio da experiência derivada da atmosfera moderna da vida nas grandes metrópoles.

Pelo percurso teórico sobre o movimento urbano em sua dimensão errante com base nas reflexões empenhadas por Benjamin, onde experimentar a cidade, percorrer e narrá-la por “outros” caminhos passaria a representar desafios e ambivalências que se colocavam frente ao fascínio e ao medo provocados pela vida urbana na metrópole que se anunciava, como nos mostrou pontualmente Jeana Laura da Cunha Santos (2012) em seu artigo *Beneditinos da história mínima: Benjamin, o colecionador e o cronista, no qual se refere aos escritos “menores”* em narrativas sobre a cidade elaboradas pelos cronistas e por colecionadores modernos.

Segundo a autora, o pensamento residual de Benjamin se desenha a partir de uma perspectiva histórico materialista voltada às narrativas de experiências em *continuum* devir e de “um passado carregado de agoras”, onde a ideia de “residual” expressaria a sobrevivência do passado para além dele próprio, mas sobretudo como parte do presente. Uma linha de pensamento que se esboça e mistura pelos resíduos e ruínas que se opõem a historiografia progressista e ao historicismo que se orientam pelas limitações de um tempo calculado de forma cronologicamente homogêneo e linear, de modo que ao subverter a lógica do tempo e de seus usos, coloca em evidência o caráter descontínuo e transitório da história.

Desse modo, as figuras do colecionador e do cronista, produtos do *estilhaçamento* do tempo e da apropriação de resíduos e restos, encontram-se, pela teoria benjaminiana, por aquilo que possuem de residual e fragmentário em suas narrativas que partem do resgate de objetos e “detalhes” de um determinado momento histórico, procurando “extrair deles o quanto de arte e lembrança” possuem. Segundo Jeana Laura da Cunha Santos,

ambos trabalham com ruínas que insistem em sobreviver na edificação das cidades. Enquanto o colecionador recolhe o residual da metrópole para levá-lo para casa, subtraindo daí um patrimônio próprio, intransferível, o cronista deduz da cidade as mínimas histórias para devolvê-las a esta mesma cidade em forma de narrativa. Ambos documentam, classificam, arquivam para a posteridade o que, em última instância, está condenado à morte. [...] O colecionador moderno realiza a sua colheita buscando na profusão de coisas do mundo não o arcaico, mas o residual" (SANTOS, 2012, p.51)

A busca pelo residual e “miudezas” produzidas pela metrópole por meio do método de Walter Benjamin consiste em apreender a realidade como descontínua, “misturando os tempos, entrelaçando as várias histórias, dissolvendo o centro, preferindo as bordas, as margens, os produtos menores” (p. 54), onde pelas histórias abafadas e apagadas pela historiografia oficial torna-se possível notar a dialética do tempo e da memória. Como diz Benjamin (1984), “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem” (p. 228).

Com isso, tanto o colecionador, que em seu trabalho de recolher, intercambiar e classificar os objetos “menores” e residuais históricos, quanto o cronista, que debruça atenção sobre a fisiologia da vida urbana das grandes cidades, apresentam-se como monumentos de narrativas da história por escritos que a caracterizam como não linear, onde a descontinuidade, a ruptura, a catástrofe e o acúmulo de ruínas podem ser pensados como características fundamentais de seus movimentos.

A crônica em seu diálogo direto com a rua e as histórias mínimas da vida na cidade, que se materializa inclusive em seu *estilhaçamento* para que coubesse nos espaços dos jornais à sua época, anuncia a primazia do pensamento fragmentário sobre o universal e das micro-histórias sobre a “História Oficial”, fazendo com que, nesse contexto, os fragmentos, as ruínas, os resíduos, os vestígios e entulhos adquirissem importância para o processo de produção de “novas” narrativas sobre a história, a cidade e a vida cidadina.

Essas narrativas colhidas, recicladas e descortinadas das ruas pelo *trapeiro* e pelo *flanêur*, e “catado no chão das ruas da grande metrópole, ressurgem aos olhos do observador como material poético ou histórico”, e se

coloca, segundo a autora, como o exercício estético do cronista e do colecionador:

O colecionador de Benjamin trabalha sobre fragmentos, ruínas e desordem, subvertendo a noção de coleção imposta pelos museus e bibliotecas da história que Benjamin chamaria de “oficial”. Através da sua forma tatente, seletiva, porém imperfeita, de catalogar, que não tem a pretensão patrimonial do bem acabado, o colecionador benjaminiano revela a inconclusão do tempo, sua fragmentação, caducidade e transitoriedade. [...] Na busca trôpega do colecionador de dar ordem à desordem, ele didaticamente revela que a perda da integridade, a instabilidade, a mutabilidade são marcas do indivíduo e da história. (SANTOS, 2012, p. 52-53)

Pelos resíduos encontrados nos rastros de seu método de *montagem* e *desmontagem* do historicismo, Walter Benjamin (2013) propõe uma forma aberta de pensamento, onde os nexos e as certezas consolidadas desmoronam e expõem a desordem e a incompletude como princípio imperativo de análise, que parte do embaralhar e do movimento das peças e fragmentos recolhidos pelos caminhos e atalhos das cidades.

Desse modo, narrar e apreender o espaço urbano por *montagens* e fragmentos residuais possibilita a criação de espaços outros derivados de experiências espaciais, corporais e sensoriais que, por meio dessas narrativas, frisam que a cidade está viva e que é experienciada por usuários e usuárias orientadas por diversos tipos de agenciamento e sensações, e ainda que falar dessas experiências é falar de técnicas e estratégias do corpo, de técnicas urbanas, de limiares, de táticas e astúcias elaboradas para a tecitura da vida na cidade.

Em suma, pelas urbanidades possíveis por meio dos descaminhos trilhados pelas borras do método fragmentário em suas zonas limiares de *passagens* e coletas de resíduos e detalhes, como ressalta Jeana L. da Cunha Santos: “cabe à nossa percepção, enquanto críticos-arqueólogos, resgatar nos escombros de uma cidade em ruínas as primeiras formas de um passado que perdura até hoje” (2012. p. 62).

## Percursos pelo flanêur e imagens de pensamentos benjaminianos

Os escritos que compõem *Imagens de pensamento – sobre o haxixe e outras drogas*, de Walter Benjamin (2013), além de explicitarem seu método de trabalho por imagens residuais, recortes e montagens presentes nas percepções, relatos, miragens, cidades e análises sobre as contradições políticas e intelectuais que rondavam e “ameaçavam” a Europa das primeiras décadas do século XX, reconhece a impossibilidade de alcance daquilo que “fora historicamente pretendido pela filosofia: se apropriar, conter, possuir a verdade”.

A partir de meticulosos registros de experiências corporais e sensoriais que envolvem memórias, riscos, nostalgia, circulação pelo espaço urbano, e o uso de causadores de embriaguez e alteração da percepção e da consciência, ousava à sua época dizer que “o fumante de ópio ou de haxixe tem a experiência do olhar que é capaz de encontrar cem lugares diferentes num único” (Benjamin, 2013, p.165), como relata em seus *protocolos de experiências com drogas*.

Sua forma de pensamento e escrita fragmentária e ensaística, que contraria um legado filosófico mais tradicional e sóbrio por sua proposta de “escritas de apresentação”, entende o pensamento como intrínseco a linguagem e não como mediador e interlocutor do conhecimento e de apreensão de pretensas verdades que, inclusive, segundo o autor, existem em seu devir indômito e fugaz, podendo ser analisado, desse modo, por fragmentos descontínuos encontrados pelos resíduos e ruínas da história.

A respeito das *Deambulações de Walter Benjamin*, Rodrigo Araújo (2014) nos conta que o método benjaminiano reconhece a “natureza vacilante da própria verdade”, e na medida em que se coloca como uma ousada e inovadora indireta proposta de pensamento de um fazer filosófico fragmentário, que ““margeia” o que não é possível dizer” em um contexto onde a linguagem encontrava-se abafada e sufocada por censuras e discursos totalizantes e universais, pode-se, com isso, dizer que parte dos fragmentos encontrados em *Imagens de Pensamento* retratam os reflexos do cenário cultural urbano

européu pelas “viagens” e *flanêur* empenhados por de Benjamin entre cidades envolvidas por processos distintos de modernização e transformações urbanas.

Suas passagens por Nápoles, Ibiza, Moscou, Marselha e Paris trazem o registro de caminhos e deambulações que, pela atenção às suas formas de narrativas sobre os percursos da história, podemos destacar o caráter metodológico que pode ser apreendido em suas análises, onde para Araújo (2014) sua forma de pensamento e escrita fragmentada pode ser compreendida:

[...] ao princípio, sempre passível de renovação, realçando o estado de ruínas e inacabamento das coisas, bem como, de maneira indireta e não linear, uma escrita do desvio, nômade, que sonda, perscruta o objeto nos seus diferentes extratos de sentido, sem, contudo, entrar num estado de indiferenciação, já que marcada pela sobriedade reflexiva de cada ir e vir do pensamento. (ARAÚJO, 2014, p.249)

Guiado pelas narrativas que consideram as experiências urbanas erráticas como crítica a cidade contemporânea por sua possível apatia de experiências e de vivências esterilizadas, trago para a discussão sobre a profanação das cidades a figura do *flâneur* nas vozes de errantes a partir de suas próprias experiências vivenciadas no corpo-cidade por meio de suas caminhadas orientadas por uma poética ébria: Charles Baudelaire (1821 – 1867), que em suas narrativas descrevia e questionava o planejamento e a construção urbana denunciando a demolição de partes da cidade em palavras críticas à reforma e transformação urbana parisiense de meados do século XIX (Jacques, 2012) -, e o próprio Walter Benjamin (2013), que também teceu um olhar “dissidente” sobre a cidade a partir da narrativa, por exemplo, de sua experiência com *Haxixe em Marselha*, publicado pela primeira vez no jornal *Frankfurter Zeitung* em 1932, causando um significativo tremor às estruturas sóbrias científicas à época.

O esboço dessa discussão me possibilita sugerir uma reflexão que apreenda a investigação da cidade e das dinâmicas urbanas e seus métodos de abordagem pelo *flâneur*, que, recriado em Charles Baudelaire, expressa uma mistura de fascínio e reação ao processo de modernização e urbanização da cidade, e não de apatia e anestesia, causando, desse modo, o embaralhar

de sentidos pelo contato com a multidão ao assumir a descontinuidade e a desorientação como uma categoria fundamental à apreensão dessa dimensão da vida urbana.

Segundo Jacques (2012), sabe-se que antes de Baudelaire outras narrativas, ainda no século XVII, mostravam que Paris já havia sido palco de deambulações erráticas e registrada e narrada por outros caminhantes urbanos. Sébastien Mercier, em *Tableau de Paris*, de 1781 e Restif de la Bretonne, em *Les nuits de Paris ou le spectateur nocturne*, de 1788. Também Honoré de Balzac, em *La Ville aux yeux d'or* ou *La comédie humaine*, 1841, e Vitor Hugo, com *Notre Dame de Paris*, de 1831 e *Les Misérables*, de 1862; ou Emile Zola, em *Le ventre de Paris*, em *Les Rougon-Macquart*, de 1873.

Suas narrativas traziam uma espécie de crônicas de suas próprias experiências pela cidade, e abordavam majoritariamente a questão da desigualdade e miséria visíveis nas ruas de Paris, diferente de Baudelaire, que, segundo Jacques (2012), entre os errantes urbanos “recriou a figura mítica do *flâneur*” em seus percursos poéticos “fora do tempo”:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte o fato de estar incógnito. (Charles Baudelaire, O pintor da vida moderna, original de 1863, publicado no jornal *Le Figaro* – apud Jacques, 2012)

O método *flanêur* como meio de acesso a apreensão da cidade se apresenta, dessa maneira, como um leque aberto de experiências e possibilidades que se fazem nos caminhos percorridos no corpo e na cidade, no “se perder ou se encontrar no meio de desconhecidos, [...] nas esquivas, deslocamentos de ombros, olhares passantes, toques errantes” (Jacques, 2012). Com isso, torna-se possível investigar o espaço urbano por meio de registros errantes e fragmentários, e ainda por um olhar crítico aos estudos urbanos e à arquitetura e urbanismo hegemônico, imperativo e universalizante.

João Barrento (2013), em *Limiães sobre Walter Benjamin*, além de pontuar sua forma de pensamento constelar, residual e em montagens, traz uma discussão específica a respeito do *Olhar e a memória como método*, que muito pode contribuir a uma reflexão sobre possibilidades metodológicas de apreensão da complexidade, multiplicidade e polifonia da cidade contemporânea.

Ademais, a partir das ideias de Walter Benjamin e de seu conceito de *actualidade* e sua direta relação com o tempo (ou “os tempos” encontrados e entrecruzados na história pela vida urbana), abre-se caminhos à composição caleidoscópica de uma “constelação moderna como a da grande cidade e suas figuras”, onde:

[...] a noção de *actualidade* nunca foi para Walter Benjamin a do puro imediatismo ou da novidade, era antes a de um “tempo-de-Agora” (*Jetztzeit*) que convoca passado e futuro e tem de se distinguir da mera facticidade e da vivência daquilo que é de hoje na ordem do imediato e se esgota no presente. [...] Actual não é, então, aquilo que acontece no presente e que muitos veem e vivem à superfície, mas aquilo que nele actua e promete. Não há actualidade sem consciência da dimensão histórica no presente. (BARRENTO, 2013, p.86)

Desse modo, o trabalho de escavações e rememorações sobre a atmosfera urbana “cheia de sinais opacos” e de espaços “fora do tempo” seu faz pelas potencialidades do *flanêur* em seu devir labiríntico, fragmentário, rizomático, disponível e ébrio, distendendo-se, assim, a caminhos e experiências urbanas possíveis “em outros estágios de consciência”, em outras dimensões sensitivas, em rotas por onde pode-se dizer que se contrariam o turismo “oficial”, e que apontam para outras direções e possibilidades, ou, como nos conta João Barrento:

Benjamin fala de um novo mundo a nascer das ruínas da velha cidade. Nós só podemos falar de um mundo em devir para o incerto, neste momento final de uma modernidade que a si mesma se superou para entrar na fase da sua decadência – que sempre marcou a ponta final das chamadas “grandes épocas” e dos “grandes impérios”. (BARRENTO, 2013, p.102)

Com isso, podemos arriscar uma possível (des)orientação pela apreensão das cidades contemporâneas a partir do pensamento fragmentário

benjaminiano, por onde podem ser pensadas como grandes *montagens* constituídas de miudezas e descontinuidades composta por inúmeros recortes por diferentes tempos, figuras, peças e vozes polissêmicas em seu devir embaralhado, incerto, inacabado e vertiginoso.

## Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Rodrigo. **Deambulações de Walter Benjamin: entre as imagens do pensamento e o haxixe**. In: Redobra, nº 14, ano 05, 2014
- BARRENTO, João. **Limiares sobre Walter Benjamin**. Florianópolis - SC: Ed da UFSC, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas** / Walter Benjamin; edição e tradução de João Barrento. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. \_\_\_\_\_ **Passagens**. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. \_\_\_\_\_ **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: brasiliense, 1984.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Ecker (orgs). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. \_\_\_\_\_ **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. 4.ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Beneditinos da história mínima: Benjamin, o colecionador e o cronista. In: CASTELLS, A.N.G. de; NARDI, L. (Org). **Patrimônio cultural e cidade contemporânea**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2012.